

Pablo Jamilk

*RE***✓***ISAÇÃO*

Interpretação de Textos

2017

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Tipologia Textual e Organização do Texto

01. (FGV – TecGes Admin (ALEMA)/ALEMA/Taquígrafo/2013)

Analise os quadrinhos a seguir.



Considerando os quadrinhos como cenas focalizadas por uma câmera cinematográfica, é correto afirmar que os planos utilizados partem

- a) do todo para as partes.
- b) do alto para baixo.
- c) dos componentes para o conjunto.
- d) da parte para o todo.
- e) de longe para perto.

COMENTÁRIOS

- a) Não há visão inicial do todo. É preciso ler as partes para compreender o texto.
- b) Não há distinção de alto e baixo na leitura do texto, as imagens são sequenciais.
- c) Os componentes (personagens, localização, falas) estruturam as partes do texto. A leitura seria da parte para o todo.
- d) Certo. Os planos partem de uma focalização das partes (cenas recortadas) para compreender o todo (o sentido geral do texto).
- e) O plano de focalização é de perto na primeira cena, não de longe.

Gabarito: D

02. (VUNESP – Ass CT (FUNDACENTRO)/FUNDACENTRO/2014)

Leia o texto para responder à questão.

O coração aos pulos. Aquele cheque na bolsa... Meu Deus, me protege, me guia, me salva!

Ao sair do escritório, com o negócio fechado, dona Irene sentia-se leve, até orgulhosa de haver cumprido a missão, na cidade. Nem reparou que um sujeito alto a seguia, quase tocando no seu ombro.

Quando reparou, pois ele encostara demais no seu braço e até o puxara, ficou branca, passou a mão no pulso, estava sem o relógio. Gritou desesperada:

– Ladrão! Pega ladrão! Roubou meu relógio! Pega!

Se havia muita gente no local, de repente apareceu mais ainda. O bolo se adensou, e era difícil as pessoas se mexerem. O homem que agarrara o braço de dona Irene queria correr, mas aí é que não dava mesmo jeito de escapar. Num lance rápido, ele colocou alguma coisa na mão dela, que não compreendeu bem o gesto mas apertou o objeto, e só um instante depois viu que era o relógio. Quando deu fé que este lhe fora restituído – coisa surpreendente, difícil de acreditar e mais ainda de acontecer –, já o cara tinha sumido.

Coração aos pulos, emocionada pelo roubo e pela devolução imprevista, o que dona Irene desejou foi tomar um helicóptero e fugir incontinenti dali. Como não há helicópteros à disposição de senhoras aflitas, ela tomou um táxi para chegar em casa ainda arfante, com o múltiplo receio do que pudesse acontecer até abrir a porta do apartamento – e mesmo depois, quem sabe lá o que pode irromper de terrível hoje em dia?

O marido, na cama, foi despertado pelo puxão nervoso e pelas palavras ainda mais nervosas de dona Irene:

– Imagina: me roubaram e me devolveram meu relógio!

– Que relógio?

– Este aqui – e ela estendeu o pulso, esquecida de que o pusera na bolsa, sem tempo e sem calma para atar novamente a pulseira, depois do fato. Abriu a bolsa e exibiu o relógio recuperado.

– Mas você não levou relógio nenhum, filha. Você esqueceu ele na mesinha de cabeceira. Está ali. Quando eu dei fé, corri à janela para avisar, mas não vi mais você.

Sujeito assustado, aquele ladrão! Mais medroso do que a medrosa dona Irene.

(Carlos Drummond de Andrade, As palavras que ninguém diz. Adaptado)

A última frase do texto – *Sujeito assustado, aquele ladrão! Mais medroso do que a medrosa dona Irene.* – corresponde a uma reflexão

- do marido, em relação ao comportamento da mulher.
- do narrador, em relação ao comportamento do ladrão.
- da mulher, em relação ao comportamento do ladrão.
- da mulher, em relação ao seu próprio comportamento.
- do marido, em relação ao comportamento do ladrão.

COMENTÁRIOS

- a) Errado. Se fosse a reflexão do marido, seria introduzida por travessão, a fim de marcar a fala de um personagem.
- b) Certo. Como se trata de uma consideração sobre os eventos ocorridos no texto sem marcação de fala de outrem, significa que se trata do narrador em face ao comportamento do ladrão.
- c) Errado. Errado. Se fosse a reflexão da mulher, seria introduzida por travessão, a fim de marcar a fala de um personagem.
- d) Errado. Se fosse a reflexão da mulher, seria introduzida por travessão, a fim de marcar a fala de um personagem.
- e) Errado. Se fosse a reflexão do marido, seria introduzida por travessão, a fim de marcar a fala de um personagem.

Gabarito: B

03. (FCC – TL (ALERN)/ALERN/Taquigrafia/2013)

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo transcrito, extraído do relatório **Ação afirmativa na pós-graduação:** o Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford na Fundação Carlos Chagas, redigido por Fúlvia Rosemberg (São Paulo: FCC/SEP, 2013. p. 35).

Obs.: Ações afirmativas são medidas especiais e temporárias, tomadas pelo Estado ou por instituições da sociedade civil, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros.

Um equívoco recorrente no debate brasileiro refere-se à compreensão (com boa ou má-fé) de que programas de ação afirmativa eliminariam a avaliação do mérito individual, quando, de fato, programas de ação afirmativa mantêm avaliação de mérito, mas alteram as regras de seleção “do mercado”. Como salienta Calvès (2004), estratégias de seleção de ação afirmativa corrigem a sub-representação de grupos em determinados nichos ou posições sociais, principalmente nas intervenções que têm por objetivo diminuir desigualdades no acesso a bens socialmente produzidos, como foi o caso deste Programa.

Porém, para o provimento de postos no mercado de trabalho, ou de vagas no ensino superior e na pós-graduação ou de bolsas de estudo, os(as) beneficiários(as) são pessoas, indivíduos. E assim sendo, processa-se também uma avaliação individual, de seu mérito ou potencial. O pressuposto metateórico é que, ao mesmo tempo em que somos produto de nossas condições de origem, somos também agentes, dentro de certos limites, dos caminhos que trilhamos, especialmente quando ultrapassamos as várias barreiras educacionais.

Ocorre, então, na implementação de experiências de ação afirmativa, uma tensão a ser enfrentada entre justiça para o grupo e justiça para o indivíduo, contornada pela preferência por pessoas que pertencem a certos grupos sub-representados, mas que, além disso, apresentam potencial ou mérito individual. A seleção das pessoas, a partir de seus méritos e potencialidades individuais, se processa, mas, agora, entre “iguais” do ponto de vista das condições sociais responsáveis pela desigualdade social. Portanto, não ocorre eliminação de avaliação centrada no indivíduo, mas sim a alteração da composição do grupo de referência. Na ação afirmativa, esta seleção se processa dentro de um grupo mais homogêneo do ponto de vista das oportunidades sociais que lhe foram disponibilizadas.

Em seu texto, o autor

- a) mantém a objetividade que caracteriza um texto científico, sem deixar marcas de sua presença.
- b) marca sua presença num único momento, na situação em que se vale da expressão *deste Programa*.
- c) remete explicitamente a si ao referir o conceito universalizante *ao mesmo tempo em que somos produto de nossas condições de origem, somos também agentes [...] dos caminhos que trilhamos [...]*.
- d) passa a palavra a Calvès a partir da citação feita e, daí em diante, é a voz desse estudioso que o leitor ouve, no tom decisivo que se notou em seu pronunciamento às linhas de 3 a 5.
- e) em nenhum momento pressupõe a presença de um leitor, pois inexistente passagem em que diretamente se dirija a um “tu” ou a formulações equivalentes, como “você” e “senhor”.

COMENTÁRIOS

- a) A personalidade está marcada na utilização da primeira pessoa do plural na forma *O pressuposto metateórico é que, ao mesmo tempo em que somos produto de nossas condições de origem, somos também agentes, dentro de certos limites, dos caminhos que trilhamos, especialmente quando ultrapassamos as várias barreiras educacionais*.
- b) Como visto na alternativa anterior, há mais demonstrações de personalidade pela autora do texto.
- c) Nessa passagem, o autor está se colocando no discurso, por meio do recurso do plural inclusivo (a primeira pessoa do plural), que busca conseguir a adesão do leitor ao que está escrito.
- d) Há apenas uma referência a esse estudioso, a que está no início do texto. Depois disso, o que se tem é a voz da autora.
- e) Há a pressuposição de um autor, pois o autor utiliza a primeira pessoa do plural, ou seja, inclui-se em um grupo no qual há mais de um indivíduo (no caso, um leitor virtual).

Gabarito: C

04. (FEPESE – Ana (MPE SC)/MPE SC/Letras/2014)

Texto 8

O dia em que Maria fez Lampião tremer de amor

Dia Internacional da Mulher, dia de aniversário de Maria Bonita.

Essa menina que enjoou da boneca mais cedo do que as outras.

Essa baixinha invocada. Tipo que a gente gama pela brabeza e pelo destemor de se jogar lindamente sob o solzão estralado da existência.

Pense em uma mulher bem-resolvida, meu caro Sigmund. Melhor: uma mulher que sabia o que queria no calor da hora. Repare a enquadrada que ela dá em Virgulino:

– Como é, quer me levar ou quer que eu lhe acompanhe? – sapecou a baiana, idos de 1929, dos 18 para 19 anos, deixando Lampião, acossado, risinho amarelo fora dos beiços.

Foi a primeira cantada de uma mulher em um homem no Nordeste brasileiro. Reza a lenda e quem tiver sua realidade que não me venha botar gosto ruim na história.

O temido bandoleiro, que já havia deixado um rastro de sangue pelos sertões, estava diante de uma mulher que o fazia tremer como vara verde de canafístola:

– Como você quiser, Maria; eu também quero. Se estiver disposta a me acompanhar, vambora” – respondeu, assombrado com a danação da pequena.

E lá estava formado, com esse diálogo fumegante, o casal mais lendário do Northwestern – Bonnie & Clyde é muito pouco, quase nada diante das aventuras desta parelha.

A moreninha mignon, olhos enfeitiçadores – charmosamente estrábicos, como amo isso! –, era a primeira fêmea a participar de um bando de cangaceiros, uma história dominada pelos homens desde que o século 18, quando o pernambucano José Gomes (1751-1776), o Cabeleira, deu início a este ramo.

O pioneirismo de Maria Gomes de Oliveira enfrentou resistência. A suspeita dos cabras de Lampião era que a presença feminina enfraqueceria o cangaço, facilitando a captura dos foradalei por parte das forças policiais ou “volantes”, como eram conhecidas.

“Homem de batalha não pode andar com mulher. Se ele tem uma relação, perde a oração, e seu corpo fica como uma melancia: qualquer bala atravessa”, declarou o cangaceiro Balão.

O sociólogo e psicanalista cearense Daniel Lins, no seu livro “Lampião, o Homem que Amava as Mulheres” (ed. Annablume) mostra o contrário. A tropa ganhou mais força com a presença delas.

[...]

SÁ, Xico. Disponível em: <http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2014/03/08/o-dia-em-que-maria-fez-lampiao-tremer-de-amor/> Acessado em 08/03/2014

Identifique abaixo as afirmativas verdadeiras (**V**) e as falsas (**F**) em relação ao texto 8.

- () Trata-se de uma crônica, de composição relativamente curta, que mescla um tema historiográfico com questões contemporâneas, a partir de um posicionamento avaliativo do autor.
- () Trata-se de um gênero discursivo literário, de tom coloquial ameno, com enredo bem linear, constituído estruturalmente por uma sequência de orações predominantemente coordenadas.
- () Trata-se de um texto que apresenta recursos estilísticos variados, tais como uso de frase nominal, tiradas bem-humoradas, linguagem figurada e regionalismos.
- () O texto é polifônico, o que se expressa por frases intercaladas e pelo uso de discurso direto e discurso indireto.
- () O texto se constitui estilisticamente por expressão livre, com ideias que se sobrepõem conferindo uma sensação de fluxo do pensamento, o que se evidencia por uma pontuação econômica.

Assinale a alternativa que indica a sequência **correta**, de cima para baixo.

- a) V – V – V – F – F
- b) V – F – V – V – F
- c) V – F – F – V – V
- d) F – V – F – V – F
- e) F – F – V – F – V

COMENTÁRIOS

1 – Verdadeiro. A crônica fala sobre uma cena possível (o ingresso de Maria Bonita ao bando de Lampião), bem como sobre a mudança de posicionamento da mulher em relação a uma sociedade pautada na força masculina. As avaliações do autor estão em comentários como “como amo isso”.

2 – Falso. O tom do texto não é ameno em relação à linguagem coloquial. O coloquialismo é forte e as orações estão recortadas por pontos finais, não são coordenadas, pois não fazem parte do mesmo período – em sua maioria.

3 – Verdadeiro. Ao longo do texto, o autor emprega recursos como frases nominais (A moreninha mignon, olhos enfeitadores – charmosamente estrábicos); expressões bem-humoradas, figuradas e regionalismos (O temido bandoleiro, que já havia deixado um rastro de sangue pelos sertões, estava diante de uma mulher que o fazia tremer como vara verde de canafistola).

4 – Verdadeiro. A polifonia no texto é a presença de diversas “vozes” ao longo do que se narra. O emprego de variação de discurso: – *Como você quiser, Maria; eu também quero.* (Direto, em que o narrador dá voz para o personagem); e “Homem de batalha não pode andar com mulher. Se ele tem uma relação, perde a oração, e seu corpo fica como uma melancia: qualquer bala atravessa” (discurso indireto, em que o narrador fala pelo próprio personagem).

5 – Falso. A pontuação do texto não é econômica, na realidade, trata-se de uma pontuação abundante.

Gabarito: B

05. (FGV – AnaT (DETRAN MA)/DETRAN MA/2013)

Não é a chuva (fragmento)

Tem saído nos jornais: chuvas deixam São Paulo no caos. É verdade que os moradores estão sofrendo além da conta, quer estejam circulando pela cidade com seus carros ou nos ônibus e metrô, quer estejam em casa ou no trabalho. Três fatores criam a confusão: semáforos desligados; alagamentos nas ruas; falta de energia. Então, tudo culpa da chuva, certo? Errado.

Semáforos, por exemplo. Eles poderiam ter a fiação enterrada ou a fonte de energia e os sistemas de controle automático protegidos por caixas blindadas. Isso não é nenhuma maravilha da tecnologia, algo revolucionário. Existe em qualquer cidade organizada. E tanto é acessível que já há projetos para a instalação desses equipamentos em São Paulo. Se não avança, é culpa dos administradores – não da chuva.

Quanto aos alagamentos, ocorrem por falta de algum serviço ou obra, esta já prevista. Podem reparar. Sempre aparece alguma autoridade municipal ou estadual dizendo que a enchente aqui será resolvida com um piscinão, ali com a canalização de um córrego, em outra rua com a simples limpeza dos bueiros, e assim vai. De novo, sabe-se o que é preciso fazer, mas não se faz. Também não é culpa da chuva.

A falta de energia é outro estrago. Caem postes, desabam árvores, fiações são destruídas, transformadores pifam. Um amigo conta a situação na sua rua: os galhos de uma árvore cresceram muito e encostaram no transformador; quando chove com vento, os galhos vão batendo no transformador, já molhado, até desligá-lo. Sempre acontece isso.

Ora, por que não podam a árvore? Porque é preciso uma autorização formal da prefeitura, o que significa uma solicitação formal, um trâmite formal, a visita pessoal de um fiscal. Não sai antes da próxima chuva.

Podem reparar: em toda queda de árvore, sempre aparece um morador para dizer que aquilo era esperado, que já havia sido solicitada a poda ou a retirada. De novo, não tem nada a ver com a chuva.

(Carlos Alberto Sardenberg. O Globo, 28/02/2013)

A organização do texto mostra:

- a) uma progressão textual do tema mais grave para o menos grave.
- b) uma simples listagem de problemas causados pelo mau tempo.
- c) uma crítica crescente às autoridades e aos moradores.
- d) uma série de problemas e as soluções já dadas.
- e) uma distribuição pelos parágrafos dos fatores inicialmente citados.

COMENTÁRIOS

- a) Errado. O texto trata dos assuntos com a mesma gravidade.
- b) Errado. O autor diz que os problemas não são causados pelo mau tempo.
- c) Errado. A crítica não é crescente, é feita de maneira igual a todos.
- d) Errado. O texto mostra uma série de problemas e a proposição de soluções, mas apresenta fundamentalmente uma crítica.
- e) Certo. No primeiro parágrafo, o autor resume os itens sobre os quais discorre nos parágrafos posteriores (semáforos desligados; alagamentos nas ruas; falta de energia)

Gabarito: E

06. (FGV – TecGes Admin (ALEMA)/ALEMA/Taquígrafo/2013)

Analise a tira a seguir.



Com relação aos constituintes linguísticos e gráficos da tira acima, assinale a afirmativa correta.

- A tira é um exemplo claro de texto narrativo, já que apresenta um sequência cronológica de ações.
- A fala do personagem no primeiro quadrinho mostra certa desconsideração pelo cliente.
- A atitude mostrada – no segundo quadrinho – pelo responsável pelo conserto do barco indica a consciência de que o reparo havia sido mal feito.
- O fato de o personagem Hagar estar acompanhado de seu amigo indica, implicitamente, que ele tinha consciência de que ia ser vítima de alguma violência.
- O fato de a linguagem empregada por Hagar respeitar rigorosamente a norma culta tenta indicar sua classe social.

COMENTÁRIOS

- Certo. Toda tirinha é um tipo de texto narrativo minimalista, pois apresenta uma sequência breve de ações.
- Errado. A fala mostra consideração e respeito, haja vista a forma de tratamento empregada.
- Errado. A atitude demonstra que provavelmente o valor da conta seja muito maior do que o aceitável para o serviço.
- Errado. Como a quebra semântica consiste no fato de haver uma escolta para trazer a conta do conserto, a cena demonstrada é inusitada. Não há como afirmar que seria vítima de alguma violência.
- Errado. Não há indicativo de variedade linguística como rótulo social na tirinha.

Gabarito: A

07. (CETRO – Arquiv (MCID)/MCID/2013)**Texto I**

A notícia de que foi demolida a igrejinha de Santa Ifigênia me fez voltar ao passado e pensar na história da sua construção, que talvez nem toda a gente conheça hoje.

Quem a fez foi uma antiga escrava, Maria Velha (como era conhecida), em pagamento de promessa. Prometeu construir a capela com o fruto de seu trabalho e de donativos, e assim aconteceu. Ignoro quando começou e quais são os detalhes, mas penso que foi tarefa da maior parte da vida, com migalhas acumuladas num esforço duro de cada dia.

Lembro da construção já na fase final, que caminhava devagar, porque o dinheiro ia pingando aos poucos, destilado pelo esforço da boa velhinha. Ela passava semanalmente pelas casas a fim de apanhar retalhos de pano, que sobravam das costuras e que as senhoras guardavam para lhe dar. Subia da casa onde morava, na rua hoje denominada Belo Horizonte, e vinha vindo, de porta em porta, recebida com estima e carinho. Já estava no fim da vida, creio que na casa dos 80. Era então frágil e curva, sempre arrimada a um bastão polido pelo contato de tantos anos, trazendo com dificuldade nas costas o saco onde punha os retalhos com que fazia colchas, para vendê-las e angariar recursos que iam alimentar a construção. Sei que também fazia doces e quem sabe mais coisas, separando o mínimo para as necessidades e aplicando o mais na realização de seu grande objetivo.

Se não me engano, a consagração foi ali por 1927, talvez no Natal, com festa de congadeiros e moçambiques, pois ela era Rainha Conga. As pessoas gradas compareceram e o padre rezou a primeira missa. Ouvi contar que então Maria Velha teve um momento de extraordinária plenitude, improvisou uma espécie de alocução entrecortada, dizendo que ali estavam os brancos, os ricos, os importantes, mas quem fizera aquela obra de Deus fora ela, pobre, negra e antiga escrava. Depois, recolheu-se à apagada humildade, enquanto os foguetes pipocavam em contraponto festivo com as caixas dos congos e os bumbos dos moçambiqueiros.

A meu ver, Maria Velha deu um alto exemplo de fidelidade às crenças, respeito à própria consciência e tenacidade na realização de um ideal. A integridade com que cumpriu o seu compromisso íntimo deve ser encarada em função da pobreza e desqualificação social que a caracterizavam, pois só assim é possível avaliar a sua justa dimensão. Com efeito, se é louvável e nobre o fato de uma pessoa abastada praticar atos de generosidade e desprendimento, que a privam quando muito do supérfluo, o que dizer de quem se priva do necessário para realizar uma obra que não vai trazer qualquer vantagem material ou projeção de fama, e corresponde apenas ao império da convicção?

A vida consagrada de Maria Velha ilustra bem um dos lados mais belos dos brasileiros de origem africana, que, vilipendiados, privados de liberdade, humilhados pela própria natureza da sua condição, souberam não obstante ensinar aos seus senhores o que valem a dedicação e a retidão moral. Os escravos não apenas construíram o Brasil com o seu trabalho, mas legaram qualidades humanas que um preconceito obtuso em vão procura negar.

CANDIDO, Antonio. "Duas heroínas" (*A vanguarda*, Cássia/MG, 10/6/1984). Texto com adaptações. In: **Textos de Intervenção / Antonio Candido; seleção apresentação e notas de Vinicius Dantas**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

Leia o Texto II abaixo, para responder à questão.

Texto II

A negação do racismo, uma hipocrisia que durante décadas orientou o discurso oficial brasileiro, apenas serviu para aprofundar ainda mais as desigualdades e impedir que o Estado e a sociedade atuassem de forma a enfrentar o problema.

Todos os indicadores sociais atestam que recaem sobre a parcela negra dos brasileiros inúmeras mazelas sociais e toda sorte de violência e violação de direitos. As desigualdades e discriminações de natureza racial são evidentes no cotidiano e comprovadas por variadas estatísticas. Cite-se como exemplo a renda dos brancos, que costuma ser o dobro da renda dos negros, relação esta que tem se mantido estável ao longo do tempo.

Embora há décadas o Movimento Negro brasileiro, sindicatos, universidades e setores progressistas denunciem o racismo e proponham políticas para sua superação, o Governo Federal não havia assumido uma política nacional articulada e contínua para a promoção da igualdade racial.

A despeito de o sistema jurídico outorgar um conjunto de leis que se ocupem da igualdade nos direitos individuais e políticos (de que seria exemplo a liberdade religiosa), dos direitos sociais, direito educacional, direitos culturais, entre outros, as estatísticas indicam que tais direitos estão longe de serem eficazes, pelo que cabe ao Governo Federal – observados os limites institucionais do Poder Executivo – envidar esforços no sentido de assegurar eficácia àqueles direitos.

Para tornar eficazes os direitos, o Estado tem que redefinir o seu papel no que se refere à prestação dos serviços públicos, de forma a ampliar sua intervenção nos domínios das relações intersubjetivas e privadas, buscando traduzir a igualdade formal em igualdade de oportunidades e tratamento.

Daí a necessidade de uma intervenção estatal, norteadas pelos princípios da transversalidade, da participação e da descentralização, que seja capaz de tornar iguais as oportunidades, impulsionando de modo especial aquele segmento que há cinco séculos trabalha para edificar este país, mas que continua sendo o alvo predileto de toda sorte de mazelas, discriminações, ofensas a direitos e violência pura e simples, material e simbólica.

*BRASIL. Secretaria Especial de Políticas da Promoção da Igualdade Racial. **Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial**. Texto com adaptações. SEPPPIR, 2003. 14 p. Disponível em <<http://www.seppir.gov.br/publicacoes/pnpir.pdf>>. Acesso em 15/06/2013.*

Comparando os textos I e II, assinale a alternativa correta.

- Ambos tangem a questão do preconceito racial no Brasil, mas o texto I é mais imparcial, devido à utilização mais eloquente dos recursos expressivos da língua.
- Ambos os textos trazem uma preocupação com a urgência da intervenção do Estado para se combater o descaso sofrido pelos negros no Brasil, desde a época da escravidão.
- Em ambos os textos, há um predomínio da narração, apesar de eles demonstrarem claramente um ponto de vista acerca da condição do negro no Brasil.
- No texto II, a construção do raciocínio se dá de forma mais racional e objetiva, ao passo que no texto I o autor dá maior vazão a sua subjetividade.
- No texto II, há o objetivo de apresentar o tema sem a inserção de opinião, característica própria de textos oficiais como esse; não é o que ocorre no texto I, em que o autor aponta claramente sua opinião no último parágrafo do texto.

✦ DICAS

Quando se está diante de uma questão relativa a **tipologias textuais**, é preciso entender que o segredo para acertar a questão consiste em compreender o propósito de cada tipologia. Veja quais são as tipologias mais cobradas e quais são seus propósitos:

- a) **Dissertativa**: o propósito da tipologia **dissertativa** é **debater**. Por isso, é comum encontrar conceitos, opiniões, teses, pontos de vista, informações entre outros elementos. É fundamental, no entanto, distinguir os tipos de texto dissertativo. Basicamente, há duas naturezas dissertativas, que também dependem do propósito do autor. Se ele pretender que o leitor tenha informações para debater um assunto qualquer, esse texto será caracterizado como **dissertativo-expositivo**, ou seja, sua preocupação fundamental é fornecer informações para que o leitor consiga tecer uma opinião ou ter conhecimento a respeito de um assunto proposto. Já, se o autor do texto pretender que o leitor fique convencido de um ponto de vista apresentado ao longo da dissertação, consideraremos o texto como **dissertativo-argumentativo**, pois – para conseguir convencer o leitor – o autor deverá lançar mão de uma *estratégia argumentativa*. Aliás, vale ressaltar que diversas questões exigem que o candidato identifique qual é a estratégia utilizada para desenvolver a argumentação, bem como o posicionamento do escritor em relação a alguma temática. Para conseguir identificar isso, é interessante prestar atenção à adjetivação utilizada (quanto mais subjetivos os adjetivos, mais se revela a opinião de quem escreve), os exemplos citados, relações lógicas promovidas por conjunções ou outras estruturas linguísticas e a forma de condução do texto.
- b) **Narrativa**: o propósito da tipologia **narrativa** é **sequenciar eventos**. Deve-se atentar para o fato de que há diversos operadores de uma narração: o narrador, os personagens, o tempo, o espaço e a trama (situação inicial, conflito, nó, clímax e desfecho). Atente para o fato de que as questões de interpretação a respeito de textos narrativos costumam cobrar qual é a mensagem por trás da narração, ou seja, o que se pretende veicular com o que se narra no texto. Não que os fatos não sejam importantes, mas há mais elementos que podem ser cobrados em uma questão. Textos que são notadamente narrativos: conto, crônica, relato, romance, epopeia, novela etc.
- c) **Descritiva**: o propósito da tipologia **descritiva** é **caracterizar**. Essa caracterização pode ser objetiva ou subjetiva. Para fazer uma distinção plena desse tipo de descrição, vale analisar o tipo de adjetivo que se emprega na descrição. Se predominarem os adjetivos subjetivos e as figuras de linguagem, pode-se afirmar que a descrição é subjetiva e que o autor emite um juízo de valor sobre o que escreve. Se predominarem os adjetivos objetivos (físicos), entender-se-á que o autor tenta manter imparcialidade opinativa a respeito do que descreve.
- d) **Injuntiva**: o propósito da tipologia **injuntiva** é **orientar**. Predominam os verbos no imperativo, em uma sequência de informações para o leitor. Exemplos claros de injunção são receitas, manuais e tutoriais.
- e) **Prescritiva**: o propósito da tipologia **prescritiva** é **normatizar**. Isso quer dizer que textos que pertençam a essa tipologia estão muito próximos à noção de legislação. Os exemplos claros são textos de lei e receituários médicos. É comum identificar que não há verbos no imperativo nesse tipo de texto.

Em suma, preciso ressaltar que não significa que uma tipologia vá dominar um texto. Quero dizer que é totalmente possível haver texto com passagens dissertativas, narrativas e descritivas. O que vale, para responder às questões que exijam identificação da tipologia, é o critério da predominância. Isso quer dizer que você deve se perguntar: o que há mais nesse texto? Mais dissertação; então, é texto dissertativo. Mais narração; então, é narrativo. Eles se equilibram nas tipologias? Se forem duas tipologias, o texto é ambivalente; três, trivalente; quatro, polivalente.